

OBTUÁRIO

ROSE MARIE MURARO (1930 - 2014)

Feminista e Escritora: uma intelectual libertária

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1930, no seio de uma rica família – Gebara –; conheceu a opulência, mas também a pobreza e o sofrimento. Devido a uma infecção nos primeiros dias de nascida, ficou com apenas 5% de visão em um olho e sem nenhuma no outro olho. No entanto, esta deficiência não a impediu de aprender a ler já no primeiro dia de aula, tornando-se os livros e a leitura suas paixões. Na adolescência, a morte do seu pai provocou uma luta acirrada na família Gebara pelo controle de sua fortuna e do próspero comércio e indústria que a família comandava. Sua mãe, como sempre acontece com as mulheres quando se trata de heranças, foi espoliada, e a adolescente Rose conheceu a pobreza. Este fato, segundo seu depoimento, foi decisivo para seu engajamento social e, neste mesmo ano, ingressou em um dos grupos juvenis da Igreja Católica – Ação Católica Estudantil –, coordenados pelo lendário bispo Dom Helder Câmara.

Estudou Física, e sua militância religiosa levou-a a trabalhar na Editora Vozes. Esta havia sido fundada por frades franciscanos em 1901, mas, desde 1907, publicava uma revista intitulada Cultura Vozes. A revista fez sucesso e, em 1911, emprestou seu nome à Editora, permanecendo o selo religioso da Editora por décadas. Nos anos 1950, a editora ampliou seus negócios e, em 1960, tornou-se uma editora comercial, da qual Rose foi editora por 17 anos. Entretanto, a convocação do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII, em 1961, deu um sopro novo à Igreja Católica, o que mudou a trajetória da Editora Vozes. A formulação da teologia da Libertação também transformou a vida de Rose Marie Muraro, agora em parceria com Frei Leonardo Boff.

Todavia, os anos 1960 mudaram não só a Igreja Católica, mas também o Brasil. A instalação do regime militar em 1964 e a consequente quebra da democracia no País provocou uma reação na Editora Vozes: esta tornou-se uma voz em prol da denúncia do regime militar, e Rose Marie Muraro foi sua mentora, ao lado de Frei Ludovico. Seu trabalho na editora foi um marco da resistência no Brasil contra o regime militar.

Da Teologia da Libertação ao feminismo que explodia na Europa e nos Estados Unidos foi um passo rápido dado pela ousada Rose Marie Muraro. Abraçou o feminismo e provocou uma celeuma ao ser uma das anfitriãs da feminista norte-americana Betty Friedan, em sua vinda ao Brasil, em 1971.

Essa visita teve uma enorme repercussão nacional, devido ao deboche com que o jornal *O Pasquim* tratou a causa feminista e as mulheres, na célebre entrevista com Betty Friedan (*O Pasquim*, nº 94, abril de 1971). A partir daí, Rose esteve até o final de sua vida inteiramente engajada com o movimento feminista brasileiro. Foi demitida da Editora Vozes, junto com Frei Leonardo Boff, em 1986. Suas ideias não eram toleradas pelo Papa João Paulo II: tinha escrito “*A Sexualidade da Mulher Brasileira (1983)*”, mas a gota d’água foi a publicação do livro “*Por uma erótica cristã*”.

De 1990 a 2000 foi uma das únicas editora de gênero da América Latina, junto com as sócias Laura Civita, Ruth Escobar, Neuma Aguiar e a Editora Record. Fundaram a Editora Rosa dos Tempos, que tinha como objetivo a publicação de textos feministas internacionais e nacionais.

Foi palestrante de universidades nacionais e estrangeiras, como Harvard e Cornell (EUA). Escreveu mais de 35 livros, que venderam mais 2 milhões de exemplares, e editou 1.600 livros ao longo de sua trajetória como editora.

Rose Marie Muraro foi eleita, por nove vezes a Mulher do Ano. Recebeu duas vezes (1990 e 1999) da revista *Desfile* o título de Mulher do Século. Foi a Intelectual do Ano em 1994, título conferido pela União Brasileira de Escritores. O Senado Federal reconheceu sua importância na luta pela democracia no Brasil e Rose recebeu, em 1999, o Prêmio Teotônio Vilela, nas comemorações dos 20 anos da anistia no País. É cidadã honorária de Brasília (2001) e de São Paulo (2004). Em 2008, ganhou o Prêmio Bertha Lutz e a nomeação de “Patrona do Feminismo Brasileiro”, honrarias conferidas pelo Congresso Nacional. Todas essas honrarias foram concedidas em reconhecimento a sua luta pela liberdade e igualdade das mulheres.

Casada jovem, teve cinco filhos e filhas, 12 netos, divorciou-se depois de 23 anos de casamento.

Rose Marie Muraro enfrentou doenças e a perda de visão desde a mais tenra idade. Praticamente cega, viveu uma intensa vida intelectual e política, apesar da sua pouca visão. Com uma recidiva de câncer, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 2014.